

## TRADIÇÃO GRAMATICAL NO PENSAMENTO JESUÍTICO

Janaina Fernanda de Oliveira Lopes (UFF)

[janainal@id.uff.br](mailto:janainal@id.uff.br)

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discorrer acerca da tradição gramatical no pensamento jesuítico, à luz da Historiografia Linguística. A análise historiográfica será desenvolvida a partir da conjectura de formação da Companhia de Jesus, cujos membros, antes da constituição da Ordem, tiveram sua formação em diversos colégios e universidades europeias, como Lovaina e Paris. Este aspecto permitiu que os missionários jesuítas pudessem ter contato com diversas vertentes de ensino linguístico. Tais fatores contribuíram para que a Companhia desenvolvesse sua própria tradição gramatical. Para alcançar o objetivo proposto, utilizaremos como texto de análise a *Ratio Studiorum* (1599), pois ela se constituiu como o documento que norteava toda a educação nos colégios jesuítas ao redor do mundo.

### Palavras-chave:

Gramática. Jesuítas. Historiografia Linguística.

### ABSTRACT

This paper aims to discuss the grammatical tradition in the Jesuit thought in the light of Linguistic Historiography. The historiographical analysis will be conducted from the conjecture of the Society of Jesus creation whose members, before the Order's constitution, had their education in several European schools and universities, such as Leuven and Paris. This aspect allowed the Jesuit missionaries to have contact with various aspects of language teaching. These factors contributed to the Company so that it developed its own grammatical tradition. To achieve the proposed objective, a text the *Ratio Studiorum* (1599) will be used to make the analysis due to the fact that it is the document that guided all the education in Jesuit schools around the world.

### Keywords

Grammar. Jesuits. Linguistic Historiography.

### 1. Considerações iniciais

Com o intuito de discorrer acerca da tradição gramatical jesuítica, este trabalho fará uso dos aportes teórico-metodológicos da Historiografia Linguística<sup>353</sup>, por nos permitir, através do *princípio da contextualização*, proposto por Konrad Koerner (2014), remontar o “clima intelectual” da época de fundação da ordem religiosa. O mesmo autor ainda

---

<sup>353</sup> De agora em diante, usaremos HL.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

propõe mais dois princípios para a análise historiográfica, o *princípio da imanência* e o *princípio da adequação teórica*. Antes de nos alongarmos a respeito dos procedimentos, faz-se necessário conceituar a HL, que, segundo Swiggers, é:

[...] o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares (cujo impacto pode ser ‘positivo’, i.e. estimulante, ou ‘negativo’, i.e. inibidores ou desestimulantes), de como o conhecimento linguístico, ou mais genericamente, o *know-how* linguístico foi obtido e implementado. (SWIGGERS, 2010, p. 2)

Neste sentido, pode-se trazer a HL como um campo de estudo que se propõe a estudar o objeto língua num contexto interdisciplinar. Ou seja, busca-se analisar a língua em concomitância a outros campos do conhecimento, como a Antropologia, a Filosofia e a Sociologia, caracterizando o estudo do texto em seu contexto. Deste modo, a HL não traz apenas um olhar histórico a respeito de determinado conhecimento linguístico, ela também responde questões acerca de como este conhecimento é instalado.

Aponta, ainda, Batista (2013) que ao se praticar HL é levado em conta “(...) tudo o que foi dito sobre a linguagem e línguas ao longo do tempo (p. 39).” Assim, amplia-se os objetos de análise, que incluem des-teorias científicas reconhecidas a explicações de âmbito religioso.

Ressalta-se, deste modo, que a HL se diferencia da História da Linguística, pois não visa apenas remontar o percurso de como a linguagem se deu ao longo do tempo, numa linearidade, como uma crônica ou relato de fatos da língua a fim de mostrar uma escala progressiva. Pelo contrário, a HL faz uso não somente da história, das datas, dos eventos, mas também dos entornos, dos fatos que motivaram a ver como certo(s) grupo(s) pensa(m) a língua de modo a “entender as razões de determinado trabalho apresentar as características que o definem” (BATISTA, 2013, p. 51).

Assim, através da sua relação com outras áreas do saber, a HL:

[...] pergunta e tenta responder questões do tipo: como o conhecimento linguístico foi adquirido? como foi formulado? como foi difundido? (em círculos ‘participativos’?) como tem sido preservado? por que foi preservado (ou perdido), e de que maneira? quais têm sido as relações (em termos de influência, poder, longevidade curta ou ampla, etc.) entre as “extensões” coexistentes ou subsequentes ao conhecimento linguístico? (SWIGGERS, 2010, p. 2)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Para tanto, utilizaremos os princípios postulados por Koerner, conforme mencionado no início deste trabalho, a saber: *contextualização*, *imanência* e a *adequação teórica*.

A *contextualização*, segundo Batista (2013), busca reconstruir o “clima de opinião” da época, que é o levantamento da conjuntura social e histórica, bem como o pensamento intelectual discutido no período em que o documento analisado se insere.

A *imanência* visa à leitura do documento de acordo com a conjectura que ele foi produzido. Desta forma, é necessário que o historiógrafo faça a análise utilizando até mesmo as terminologias da época.

A *adequação teórica* se ocupa, após o levantamento dos princípios anteriores, com a possibilidade de fazer análises e comparações entre o objeto e a atualidade ou o objeto e momentos anteriores ou posteriores a ele.

## **2. A Companhia de Jesus**

A Companhia de Jesus data de 1534. O fundador da ordem, conforme aponta Serafim Leite (1938), foi Inácio de Loyola. Este religioso decidiu se dedicar à vida religiosa durante o período de recuperação da saúde, após ser ferido na batalha de Pamplona. No período de convalescência, Loyola teve contato com duas obras: *Vita Christi* (Vida de Cristo), de Ludolfo de Saxônia, e *Florilégio de Santos*. Esta leitura fez com que o santo mudasse seus planos de se tornar um militar de carreira para um soldado de Cristo.

Após a decisão, Loyola elaborou uma primeira versão dos *Exercícios Espirituais*<sup>354</sup> e tentou pregar sua obra pelo mundo, estando em Barcelona e Palestina. Ainda segundo Serafim Leite, seu objetivo era chegar a Jerusalém, contudo, não pôde, pois “lhe faltavam letras e teologia” (LEITE, 1938, p. 4). Ele segue então para as universidades de Alcalá e Salamanca.

---

<sup>354</sup> [...] os *Exercícios Espirituais* são um pequeno livro, donde deriva tôda a espiritualidade própria da Companhia de Jesus. Assenta em dois princípios: um, como *fundamento*, na razão esclarecida pela fé, a criação do homem e o fim para que foi criado; outro fundado na fé, – a Encarnação do filho de Deus, cuja imitação deve ser a maior ambição humana” (LEITE, 1938, p. 15).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Neste período, foi preso pela Inquisição, pois pregava os *Exercícios* sem a formação necessária. Assim, com mais de trinta anos, decidiu frequentar as aulas de latim em Paris, em 1528.

Nesta cidade, frequentou o Colégio de Montaigu, ainda no ano de 1528, e, no seguinte, foi para o Colégio de Santa Bárbara, dirigido por Diogo de Gouveia.

Finalmente, em 1534, obteve o título de Mestre. Seguiu, então, a continuação dos estudos e formou-se em Teologia.

No ano de 1540, a Companhia de Jesus é promulgada, por meio da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*. A partir disso, Loyola se ocupa em preparar as *Constituições*, documento que regeria as ações da ordem.

### **3. Influências do pensamento jesuítico**

Tão logo se constituiu, a Companhia de Jesus objetivou a abertura de colégios para o ensino daqueles que faziam parte da instituição e com o intuito de preparar novos jesuítas.

Assim, a IV parte das *Constituições* indica o modelo de ensino que deveria ser seguidos nos colégios jesuíticos, o *modus parisiense*.

O *modus parisiensis* era, assim como os jesuítas o viam, o polo oposto de muito do que encontravam nas escolas italianas e nos mestrescolas. Era baseado num exigente programa de aulas, complementado por uma ordem de exercícios, repetições e disputas – *exercitia* ou *exercitationes* –, na qual o estudante demonstrava domínio das matérias. Os estudantes de todos os níveis eram divididos em classes de acordo com um plano estabelecido de progressão do domínio de uma habilidade para o domínio da próxima. Exames determinavam quem estava pronto para passar à nova classe. Uma “classe” representava uma unidade de trabalho a ser assimilada, não um período de tempo. Portanto, os alunos mais brilhantes poderiam progredir através do currículo mais rapidamente do que outros. Se as classes fossem grandes, os alunos eram divididos em grupos de dez, sob os cuidados de um colega mais adiantado, o *decurio*, que lhes dava exercícios e relatava ao professor sobre seu progresso ou a falta dele. (O’MALEY, 2004, p. 337-8 *apud* COSTA; OLIVEIRA, 2015, p. 3)

Tal aspecto denota a influência do modelo utilizado na cidade de Paris na composição das normas que regeriam os colégios. Deste modo, é o modelo parisiense que será uma das grandes influências no que tange ao ensino jesuítico.

Para este ensino, foram convidados diversos professores de várias

nacionalidades, e que tinham, em sua maioria, se formado em universidades parisienses (FRANCA, 2019).

O currículo nos colégios jesuíticos estava alicerçado no humanismo renascentista. Contudo, tratava-se de um humanismo voltado à questão religiosa, como aponta Miranda ao sinalizar que “(...) quer em Braga, quer em Coimbra, em plena fase de esplendor do Humanismo cristão, o horizonte em vista era o da aliança (não o do divórcio) entre o saber sagrado e o saber profano” (MIRANDA, 2010, p. 247). Desta forma, os jesuítas se afastavam do humanismo italiano, buscando que o desenvolvimento do ser humano contribuiria para o conhecimento de Deus.

Ainda em conformidade a este pensamento, salienta Storck (2016):

Os jesuítas não seguiram um humanismo doutrinário que se opunha à Teologia, nem promoveram uma perspectiva secularizante do mundo. Eles tomaram o termo humanismo em sua conexão com as letras humanas, o estudo e o gosto pelas línguas e a literatura clássica grega e latina. Compreendiam que nada do que é humano se deve considerar alheio aos estudos. Ou seja, a literatura, as artes e a filosofia que abordam e refletem sobre a natureza e sobre a pessoa humana são boas em si. No pensar dos jesuítas se podia combinar o cultivo da piedade com a erudição, uma não excluindo a outra. (STORCK, 2016, p. 142)

Portanto, o ensino gramatical jesuítico estava inteiramente ligado ao ensino das línguas clássicas, entendendo que a aprendizagem destas possibilitaria não apenas ao falante se expressar, mas, principalmente, que este desenvolvimento permitisse o conhecimento de Deus. Some-se a isso o fato de que tais línguas contribuiriam para a leitura das *Sagradas Escrituras*.

Tal pensamento pode ser visto nas regras do professor de Teologia Escolástica, na *Ratio Studiorum* (1599) em que o documento indica: “1. *Fim* – Persuada-se que é seu dever unir a sutileza bem fundada no argumentar com fé ortodoxa e a piedade, de modo que aquela sirva a estas.” (FRANCA, 2019, p. 117).

A influência do ensino das línguas e literaturas clássicas e gregas é patente ao observarmos as orientações para o ensino na classe superior de gramática, como segue:

Quanto às leituras, poderão explicar-se no primeiro semestre, dos prosadores, as cartas mais importantes de Cícero aos parentes, a *Ático*, ao irmão *Quinto*; no segundo, o livro da *Amizade*, da *Velhice*, os *Paradoxos* e outros assim; dos poetas, no primeiro semestre algumas elegias ou *Epístolas* de *Ovídio*, escolhidas e expurgadas; no segundo, trechos, também

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

escolhidos e expurgados, de Catulo, Tibulo, Propércio e das Éclogas de Virgílio, ou ainda, do mesmo Virgílio, os livros mais fáceis como o 4.º das Geórgicas, o 5º e o 7º da Eneida; dos autores gregos, S. João Crisóstomo, Esopo, Agapetos e outros semelhantes. (FRANCA, 1952, p. 204)

Portanto, a influência do humanismo renascentista era passado desde cedo aos alunos, pois estava no documento que orientava toda a dinâmica dos colégios da Companhia, a *Ratio Studiorum*.

### **4. Manuel Álvares**

Manuel Álvares será o principal autor utilizado nos cursos de gramática dos colégios jesuíticos. A menção a este gramático e à sua obra, *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572), é necessária, visto que neles podemos perceber de que modo a tradição gramatical jesuítica se mostra dentro dos colégios.

Álvares estudou latim, grego e hebraico no Colégio de Coimbra, no ano de 1546. Em 1555, ele foi convidado a lecionar no Colégio das Artes, também em Coimbra, no curso de Humanidades. Esta experiência contribuiu para que ele compusesse uma gramática pedagógica (FERNANDES, 2007).

Assim, a gramática alvaresiana alia o *usus* e o *ratio*:

[...] a gramática do séc. XVI, ainda e por excelência a <<gramática latina>>, estabelece um compromisso e faz com que a síntese entre o **usus** e a **ratio**, critérios necessários para sustentar cientificamente toda a doutrina gramatical. Estes critérios são a tentativa, julgo que bem conseguida, de estabelecer um equilíbrio entre a teoria especulativa dos modistas e o labor filológico dos gramáticos do séc. XV. [...]. (CARDOSO, 1995, p. 160)

Destarte, a gramática de Álvares faz a adaptação do mundo medieval à nova conjectura do momento, o humanismo. Ao fazer uso da tradição, mas com algumas modificações, o gramático se insere na tradição latina enquanto configura a vertente da tradição jesuítica.

Na *Ratio Studiorum*, podemos ver de que maneira o *usus* e o *ratio* se apresentam no ensino gramatical.

6. *Preleção de Cícero*. – A preleção de Cícero, que, por via de regra, não excederá 7 linhas, observe o método seguinte: Em primeiro lugar, leia seguidamente todo o trecho, e indique-lhe resumidamente, em vernáculo, o sentido. Em segundo lugar, traduza o período no idioma pátrio, palavra por palavra. Em terceiro lugar, retomando o trecho desde o princípio, indique-lhe a estrutura, e, analisando o período, mostre as palavras e os ca-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

... para que se estenda sobre a maior parte dos pontos relativos às regras de gramática já explicadas; faça uma ou outra observação mas muito simples sobre a língua latina; explique as metáforas com exemplos muito acessíveis; por fim escolha uma ou duas frases que ditará juntamente com o argumento. Em quarto lugar, percorra o trecho de autor, mas em vernáculo. (FRANCA, 1952, p. 209-10)

Dessa forma, o teor pedagógico contribuiu para que a gramática tivesse grande aceitação nos colégios jesuíticos, tornando-se a principal obra de ensino de língua latina nestas instituições.

É importante salientar que antes da edição definitiva da *Ratio Studiorum*, em 1599, convivia juntamente com a gramática do madeirense a obra de Despautério, segundo informa Navarro (2000, p. 396), dizendo: “Adotou-se a gramática de Despautério em Portugal, desde o início, nos colégios da Companhia de Jesus, e ainda continuava em uso quando Manuel Álvares publicou sua célebre gramática, isso em 1572”.

### **5. Considerações finais**

A tradição gramatical jesuítica está relacionada ao humanismo renascentista cristão, com a ideia de que o conhecimento da *literae* proporciona ao homem o conhecimento de Deus.

Os jesuítas não romperam totalmente com a tradição latina medieval, mas fizeram uma adaptação, aliando *usus* e *ratio* com o intuito de significar o conhecimento para o aprendiz. Assim, eles promoveram uma educação linguística pautada num pensamento de ensino pedagógico.

O ensino jesuítico não inaugurou um novo modo de ensino, apenas adaptou o que havia na época, ou seja, a tradição, mais os ares humanistas que surgiam.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVARES, Manuel. *De Institutione Grammatica libri três*. Lisboa: João Barreira, 1572.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

CARDOSO, Simão. A gramática latina no séc. XVI: as <<partes orationis>> na gramática do P<sup>o</sup> Manuel Álvares (1572) e na Minerva de Sanc-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tius (1587). *Revista da Faculdade de Letras línguas e Literaturas*. V. 12, p. 159-72, Porto, 1995.

*Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

COSTA, Célio Juvenal; OLIVEIRA, Natália Cristina de O. Sistema de ensino inaciano e o *Ratio Studiorum*. *Seminário de Pesquisa do PPE*. p. 1-15, Maringá, 2015.

FERNANDES, Gonçalo. De Institutione Grammatica Libri Tres (1572) de Manuel Álvares (1526–1583). *Revista da Academia Brasileira de Filologia*. V. 4, p. 85-99, Rio de Janeiro, 2007.

FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o Ratio Studiorum*. São Paulo: Kírión, 2019.

KOERNER, E. F. Konrad. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Trad. de Cristina Altman, Sônia Coelho, Susana Fontes, Rolf Kemmler *et al.* Braga: 2014.

MIRANDA, Margarida. O Humanismo no Colégio de São Paulo (séc. XVI) e a tradição humanística europeia. *Humanitas*, n. 62, p. 243-63, Coimbra, 2010.

NAVARRO, Eduardo de A. O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta. *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548–1998)*, v. 1, p. 385-406, Coimbra: Fundação Eng. António de Almeida, 2000.

STORCK, João Batista. Do *modus parisiensis* ao *Ratio Studiorum*: os jesuítas e a educação humanista no início da idade moderna. *Hist. Educ.*, v. 20, p. 139-58, 2016.

SWIGGERS, Pierre. História e Historiografia da Linguística: *Status*, Modelos e Classificações. *Eutomia*, v. 2, p. 1-17, 2010.

LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo I. Tipografia Porto Médico, 1938.